



IV Seminário Leitura de Imagens para a Educação: múltiplas mídias

Florianópolis, 12 de maio de 2011

O VENTO DENTRO DO BALÃO

Ana Kuhnen dos Santos¹

Bacharel em Artes Plásticas pela UDESC

Resumo

O presente artigo visa demonstrar o processo envolvido na leitura de uma imagem fotográfica, atividade de uma das aulas da Oficina: Estrutura da Obra de Arte, ministrada pela professora Sandra Ramalho no curso de graduação de Artes Plásticas da Udesc. Para tanto, foram citados os eventos que antecederam a elaboração da imagem escolhida, algumas considerações sobre a visão e a percepção, bem como as etapas de leitura da imagem em si, e o texto elaborado ao final da atividade.

Palavras-chave: imagem; percepção; elementos constitutivos; vento.

O Vento

Uma vez assisti a um filme chamado: “A Ostra e o Vento”, de 1997, do diretor brasileiro Walter Lima Jr.. No filme, uma garota, vive com o seu pai em uma ilha distante do continente. Ele é o responsável pela manutenção do farol da ilha. Em função da grande solidão imposta pelo lugar, a adolescente desenvolve uma paixão pelo vento que açoitava a ilha, e que acaba se tornando um dos personagens da história.

Este filme me surpreendeu e ficou guardado em minha memória desde então. Foi a primeira vez que vi o vento como um personagem. Quase sete anos mais tarde, já na graduação, este personagem passaria a fazer parte de alguns trabalhos de artes plásticas por mim desenvolvidos. O vento, um ser

¹ Graduada em Naturologia Aplicada pela Unisul – Universidade do Sul de Santa Catarina. Graduada em Artes Plásticas Bacharelado pela Udesc – Universidade Estadual de Santa Catarina. Pós-Graduada em Psicologia Transpessoal pelas Faculdades SPEI e Instituto Gera Sol.

sem matéria, cuja forma surge somente a partir do que ele encontra pelo caminho, sejam pessoas, lugares ou objetos.

Um destes trabalhos, intitulado “Diário do Vento”, surgiu a partir deste pensamento: o vento como um ser imaterial, um personagem com ações e sensações que escreve sobre suas experiências. O diário relatava situações cotidianas, pequenos fragmentos de acontecimentos. A vida sendo observada por alguém que não se vê. O invisível que nos olha e nos influencia.

Em 2005 realizei uma pequena ação utilizando algumas frases do diário. Na ocasião, entendia que um diário do vento, deveria ser itinerante. Esses textos, foram impressos em tecido de voal branco e presos a balões transparentes cheios com gás hélio. Esses balões ficam suspensos – segundo orientações do fornecedor do gás hélio – por aproximadamente cinco horas. Desta forma eles são soltos e não se sabe em que local irão cair; dependerá entre outros fatores, da ação do vento.



Figura 1: “Palavras ao Vento” – 2005 – Ana Kuhnen
Textos impressos em tecido voal, presos a balões cheios com gás hélio.

Alguns anos depois, ainda na graduação, cursando a Oficina: “Estrutura da Obra de Arte”, ministrada pela professora Sandra Ramalho; nos foi proposto um trabalho de leitura de uma imagem, que poderia ser escolhida pelo aluno. Vasculhando em minhas gavetas, encontrei as fotografias desta ação, realizada em 2005. Escolhi imediatamente a que mais me chamou a atenção e comecei a desenvolver a leitura proposta na Oficina.

Naquele momento não tinha idéia de tantos elementos que estavam presentes, de quantas associações poderiam ser feitas e de que a leitura poderia ser relativamente mais abrangente do que imaginava que seria. Ao longo da realização da atividade, a imagem foi se tornando de fato visível em todos os detalhes antes não percebidos. De certo modo, foi como parar para sentir o frescor suave do vento, numa tarde ensolarada de outono. Ao final da atividade, foi como dar-se conta da brisa que já estava ali o tempo todo, mas que foi sentida na pele, pela primeira vez.

Ver e perceber

A falta de um olhar atento pode fazer com que as imagens não sejam essencialmente percebidas, assim como o vento que nos toca diariamente. As imagens estão por toda parte, não podemos afirmar com certeza que vemos, de fato, o que elas podem transmitir. Os olhos podem ver quase tudo, mas não captam boa parte das informações que recebem. A visão é um dos sentidos humanos, mas embora o mecanismo de percepção visual ocorra fisiologicamente da mesma forma, através dos raios luminosos que incidem nos olhos; sabe-se que o que é percebido difere de pessoa para pessoa.

Krech (1973), coloca que cada indivíduo percebe, sente, pensa e imagina, segundo seu ambiente físico e social, segundo sua própria natureza biológica, o funcionamento de seu cérebro e de seu sistema nervoso.

Ao falarmos sobre a visão, é interessante acrescentar alguns aspectos sobre a percepção, já que o ato de ver também está relacionado com o ato de perceber o que é visto através do olhar. Segundo Merleau-Ponty (1999), a sensação poderia ser entendida como a maneira pela qual o indivíduo é

afetado, sendo que a percepção é carregada de um sentido. “O visível é o que se apreende com os olhos, o sensível é o que se apreende pelos sentidos.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 28).

O autor complementa, explicando, que quando a cor aparente de um objeto varia com as recordações que dela temos; então o sensível não pode mais ser definido somente como o efeito imediato de um estímulo exterior. Para ele o sensível é o que é apreendido pelos sentidos, mas esta apreensão não é simplesmente uma condução de um estímulo feita pelo aparelho sensorial.

Para Ostrower (1987), a percepção delimita o que somos capazes de sentir e compreender; corresponde a uma ordenação seletiva dos estímulos. Segundo a autora, a sensibilidade é algo inerente a constituição humana. “A percepção é a elaboração mental das sensações”. (OSTROWER, 1987, p. 12).

Segundo Ostrower (1987), a percepção permite apreender o mundo, e este ato de apreender o mundo, permite ao homem a compreensão; envolve assim um tipo de conhecer. Envolve o apreender o mundo externo junto com o mundo interno e também, ao mesmo tempo, envolve a interpretação do que está sendo apreendido. “Tudo se passa ao mesmo tempo. Assim, no que se percebe, se interpreta; no que se apreende, se compreende.” (OSTROWER, 1987, p. 57).

Podemos então observar, que perceber passa por um entendimento, uma compreensão de algo; de certo modo está relacionado com um tipo de reflexão, seja ela racional ou não. Sendo que o ato de ver, não necessariamente significa o entendimento do que está sendo visto e muitas vezes não ocorre uma reflexão a respeito do que é visto. O que nos faz pensar que nem sempre ver é o mesmo que perceber o que foi visto.

As imagens transmitem mensagens, muitas vezes para além do que aparentemente se propõe, são carregadas de conteúdo e informações. E há que se treinar o olhar para poder captar em sua profundidade e ao mesmo tempo sutileza, o que a imagem pode, de fato transmitir. É preciso uma espécie de alfabetização visual, que passa por métodos e técnicas específicas, pela

decomposição da imagem em seus elementos constitutivos; mas também, pela imaginação, pela percepção e sensibilização do olhar.

Segundo Dondis (1991):

“Visualizar é ser capaz de formar imagens mentais. (...), de um modo ainda mais misterioso e mágico, criamos a visão de uma coisa que nunca vimos antes. Esta visão, ou pré-visualização, encontra-se estreitamente vinculada ao salto criativo (...). E é exatamente esse processo de dar voltas através de imagens mentais em nossa imaginação que muitas vezes nos leva a soluções e descobertas inesperadas”. (p. 14).

No entanto, o autor coloca que “Aceitamos a capacidade de ver da mesma maneira como a vivenciamos – sem esforço” (DONDIS, p. 6). Mas relembra que quando aprendemos a ler e escrever, começamos sempre pelo nível básico, decorando o alfabeto, aprendendo os componentes básicos da linguagem escrita: letras, palavras, ortografia, gramática e sintaxe; e que este método corresponde, de certa forma, ao ensino do alfabetismo visual. Onde cada elemento da informação visual deve ser explorado e aprendido em suas qualidades e em seu potencial expressivo.

“A consciência da substância visual é percebida não apenas através da visão, mas através de todos os sentidos, e não produz segmentos isolados e individuais de informação, mas sim unidades interativas integrais, totalidades que assimilamos diretamente, e com grande velocidade, através da visão e da percepção”. (DONDIS, 1991, p. 229).

A visão e a percepção podem e devem atuar conjuntamente. Ver apenas sem refletir, pode tornar-se uma atividade automática e muitas vezes com pouco significado. Um olhar atento pode desvendar conteúdos imperceptíveis e que muitas vezes podem ser a verdadeira essência de determinada imagem.

O processo de leitura

O processo de leitura da imagem começou a partir de teorias estudadas em sala de aula, durante a Oficina ministrada pela professora Sandra Ramalho. Mas devo lembrar, que o processo foi inicialmente difícil, laborioso e aparentemente destituído de sentido, devido a falta de treino do meu olhar. No entanto, gradativamente, ao perceber a quantidade de elementos contidos na imagem e principalmente todas as possíveis relações entre eles, o exercício foi se tornando leve e cheio de significados e descobertas.

Primeiramente, foram assinalados todos os elementos constitutivos da imagem: ponto, linha, superfície, dimensão, cor, textura, etc. Para cada um deles foi usado um papel vegetal sobreposto na fotografia, no qual estes elementos foram desenhados, de acordo com o que havia na imagem.

Em seguida foram observadas as relações entre estes elementos – procedimentos relacionais. A partir dos elementos constitutivos e dos procedimentos relacionais tínhamos o plano de expressão. Após estes elementos estarem organizados através dos procedimentos relacionais no plano de expressão, chegávamos ao plano de conteúdo e a proposição de significados.

Embora o método fosse claro e definido, estava com dificuldades de “ler” a imagem e redigir um texto correspondente. Tinha em minhas mãos uma série de papéis com elementos retirados da imagem, mas não conseguia organizar toda aquela informação. Sendo assim, modestamente resolvi acrescentar mais uma etapa ao exercício, para que pudesse de fato, finalizá-lo de forma adequada.

Numerei cada uma destas folhas, em seguida listei de forma resumida através de tópicos, o que via na folha correspondente. Por exemplo: no item número 1 listei o que havia na folha de mesmo número, desta forma: duas linhas verticais maiores que encostam na parte superior da imagem, duas linhas verticais menores entre as maiores. E assim sucessivamente, até completar todas as folhas, ou seja, todos os elementos constitutivos selecionados.

Assim, eu tinha então, uma lista com tópicos resumidos. E o que fiz a seguir foi transformar estes tópicos em frases mais consistentes. Nesta etapa foi possível, pouco a pouco, relacionar os elementos, fazer associações, estabelecer significados. Cada grupo de frases formou um parágrafo; cada qual elaborado de forma a tornarem-se coerentes entre si, dando origem ao texto propriamente dito.



Figura 2: fotografia do registro da ação “Palavras ao Vento” – 2005 – Ana Kuhn

“Grandes, fortes, altos e imponentes; os dois pilares de concreto que sustentam a construção, elevam o olhar para além da imagem. Entre eles, os pilares humanos: menos imponentes – o homem e a mulher. Pilares da sociedade; geradores de seres humanos e de idéias.

Ela veste branco e ele veste preto. Como yin e yang da filosofia chinesa. Polaridade e complementaridade. Yin: o feminino, suavidade, escuridão; yang: o masculino, produtividade, luz. Yin é preto e yang é branco. E na troca de papéis, a mulher yin veste branco, e o homem yang, veste preto. Os opostos integrando-se num movimento contínuo. Ela carrega nas mãos balões cheios de ar: transparentes, leves, sutis, inusitados. Ele traz seu guarda-chuva, que ora é escudo protetor, ora é espada.

Embora complementares, um não percebe a presença do outro e ambos seguem seus caminhos em direções opostas; ele na via de carros e ela na de pedestres.

O cenário é de pedra e de formas geométricas, predominantemente retas. Um pequeno resquício de natureza está presente sob a forma de uma discreta planta verde e amarela atrás da grade de metal.

No ritmo frenético da cidade, as linhas horizontais, verticais, diagonais, estão por toda a parte. Cobrem as janelas, as portas, as paredes, a mureta, a grade, a escada, os pilares e a calçada. Cruzam-se, sobrecarregam, limitam, conduzem, se ‘repetem repetidas’ vezes; e cansam o olhar.

O cenário de cores quase homogêneas é interrompido pela discreta presença do azul, verde e vermelho. Em pequenas porções – relegadas ao lado esquerdo da imagem; para fora da moldura de pilares – estão elas: as três cores primárias de Newton. A junção de seus focos de luz gera o branco e a sua ausência, o preto.

Branças são as vestimentas da mulher e os balões que ela segura. Mas o branco e os tons claros estão também nas janelas de vidro, nas paredes, na escada e na calçada.

Janelas por onde passa a luz, ligação do interno com o externo, divisões ilusórias e frágeis, transparência. Paredes que revestem a construção, pele, superfície, toque. Pilares: sustentação, força, segurança, rigidez necessária. Escada, suave caminho que eleva e traz para o interior e que depois, conduz novamente para fora. E a calçada, por onde transitam as pessoas, caminhos que contornam a construção.

Pretas são as roupas e o guarda-chuva do homem. Mas preto e os tons escuros estão também nas portas de madeira, na grade, na mureta, na tampa do buraco e na rua.

As portas são impenetráveis ao olhar, protegem o interior, mas o vedam por completo. Muretas continuadas por grades limitam o acesso e protegem a pequena planta – resquício de natureza em meio ao concreto. A

tampa de metal cobre o buraco na calçada, isola, protege, provavelmente o acesso aos cabos elétricos que irrigam a máquina chamada cidade. E a rua, local de passagem de carros, motores, ruídos e velocidade.

A calçada é onde transita a mulher, e a rua, por onde passa o homem. A calçada circunda a construção, é local de passagem, mas também de descanso; por ela andam as pessoas. É protegida da chuva, resguardada de maiores atritos. A rua é aberta, exposta, local onde trafegam carros, motores modernos, atrito, correria, onde não é permitido parar!

A mulher segue em direção ao lado direito, como o hemisfério direito do cérebro: emocional, artístico, sensível. O homem anda em direção ao lado esquerdo, racional, matemático, lógico; como o hemisfério esquerdo do cérebro.

Mulher transparente, o limite entre interior e exterior é uma linha tênue, divisão apenas ilusória e frágil. A pele que reveste a superfície é proteção e suave ao toque. No entanto, também é força, sustentação e segurança.

Homem protetor, impenetrável ao olhar. Detentor da tecnologia, do metal e do concreto. Ao mesmo tempo: ágil é desprotegido; exposto às intempéries do dia-a-dia.

E assim seguem ambos, guerreiros a seu modo, usando as armas que lhes convém. Embora nem sempre percebam, precisam um do outro. O equilíbrio existe a partir dos opostos.

Os pilares de concreto são erguidos pelos pilares humanos, que tão menos imponentes, nem por isso deixam de ser importantes. A eles lhe é conferida a vida, e todas as suas maravilhas, angústias e contradições.”

(Ana Kuhnen, maio de 2009).

O vento dentro do balão

Ao final da realização desta leitura, tornou-se espantosamente claro, o quanto deixamos de ver quando passamos nossos olhos rapidamente pelas

imagens que nos cercam. Esta fotografia é o registro de uma ação realizada há alguns anos, e como tal, já foi vista e re-vista inúmeras vezes; enquanto fazia meu portfólio ou arrumava a gaveta do meu armário, onde ela estava guardada.

Se perguntassem para mim o que via naquela imagem, eu poderia descrevê-la a partir de alguns poucos detalhes, como: uma pessoa de branco segurando alguns balões, o prédio do centro da cidade, o nome da rua e como ocorreu aquela ação. Acreditando assim que teria englobado tudo que poderia existir em tal fotografia.

No entanto, se me perguntassem sobre linhas, pontos, cores, texturas, superfícies, eu não saberia responder. Ou melhor, diria que não tinha reparado, que precisaria ver com calma para depois responder com exatidão. De fato, é mais fácil ver o que está pronto, a pessoa, o prédio, o guarda-chuva enfim. No entanto, o que a princípio nos leva a uma leitura mais completa e abrangente não são as coisas prontas, e sim as suas partes. Parece contraditório, mas não é, porque justamente o que está pronto, muitas vezes não requer reflexão e significados novos; embora também permitam outras leituras.

Porém, os elementos vistos separadamente, como as linhas verticais de uma imagem, aparentemente, não comunicam algo concreto, e é neste espaço de não sentido que podemos perceber, de fato, novos significados. Portanto, o ato de decompor a imagem em seus elementos constitutivos, permite esta condição de não sentido, de algo que não é concreto e de significado fechado, e a partir desta aparente “falta de sentido” é que o mesmo surge em sua essência.

Certamente que neste exercício estão envolvidos também outros elementos externos a imagem, e internos ao espectador. Ou seja, o repertório que o indivíduo possui, as experiências anteriores, e todo o seu conhecimento, tornam-se também, de alguma forma, parte relevante nas leituras das imagens.

O processo de leitura desta imagem gerou, em dado momento, esta falta aparente de sentido, este “espaço vazio”, as folhas rabiscadas nas mãos e nada mais. Organizando melhor as informações, aos poucos o “espaço vazio”

foi se tornando cheio novamente, só que agora não era mais como antes, ele estava repleto de tantas informações, as quais nem ousava imaginar. E assim, paradoxalmente, é o ar sem matéria concreta, é o vento soprado em seu interior, que permite a existência plena do balão.

Referências

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. Trad: Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

KRECH, David, 1909. **Elementos da Psicologia**. Tradução: Dante Moreira Leite e Miriam L. Moreira Leite. 4 ed. São Paulo: Pioneira, Brasília: INL, 1973.

MERLEAU-PONTY, Maurice, 1908-1961. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas**. Trad: José Manuel de Vasconcelos. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.